

RESGATE DE IDENTIDADE DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL

¹, *Silvelena Alves Mota Gianetti, Ione de Oliveira Braga, Rosana Alves Diniz, Daniela Sousa, Sílvia Helena de Fátima Santiago*, ² *MSc. Maria Angélica Gomes Maia*

Universidade do Vale do Paraíba/ISE, Rua Tertuliano Delphim Jr., 181. Jardim Aquários –
Cep: 12.246-080-São José dos Campos – SP. egianetti@itelefonica.com.br – mamaia@univap.com.

Resumo: Este artigo está alicerçado após leitura reflexiva e sobre discussão, acerca da importância das diversas culturas, etnias e as dificuldades dos docentes em lidar com essa multiculturalidade presente nas escolas. Diante das reflexões acima, fizemos vários encontros com alunos do 4º ano do ciclo I da EJA, com o propósito de observar, registrar e conhecer um pouco sobre a trajetória desses alunos que reingressaram à escola. Nesses encontros foram feitas várias dinâmicas com os alunos com o propósito de resgatar a identidade de cada um. Acreditamos que o professor diante dessas diversidades em que se depara em sala de aula, precisa ter uma visão crítica sobre suas posturas e pensamentos. A escola tem o compromisso de elaborar um currículo voltado para os interesses dos alunos, enfocando as principais metas e objetivos, trabalhando com as desigualdades sociais. O currículo de uma escola deve ser uma construção coletiva, levando em conta a realidade da comunidade.

Palavras-chave: Identidade, currículo, multiculturalismo, educação de jovens e adultos.

Introdução:

A partir dos estudos das obras de MOREIRA (2003) e CANDAU (2003), FREIRE (1997) onde pontuam que os professores devem construir e desenvolver novos currículos de forma autônoma, coletiva e criativa, onde o cotidiano escolar não seja visto como espaço de rotina e de repetição, mas o espaço da reflexão, da crítica, da rebeldia, da justiça curricular, é o caminho que percorreu o presente artigo. De acordo com Sousa Santos (2001, 2003), outros estudiosos do assunto, há uma necessidade de uma nova orientação multicultural, nas escolas e nos currículos. O que determinava a cultura era a esfera econômica, as classes sociais, os gêneros, a etnicidade e a religião, com o apoio da mídia, tecnologia e estudos no meio acadêmico, têm evidenciado e promovido essa descentralização da cultura. O diferente quando penetra na realidade escolar, desestabiliza sua lógica e instalam outra realidade sócio-cultural. De acordo com Pérez Gómez (1998), a escola é um cruzamento de culturas. Hoje a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade cultural, porém esta sempre foi uma dificuldade encontrada. Cabe a escola contemporânea, o desafio de reescrever o conhecimento a partir das diferentes raízes étnicas, ancorarem socialmente o conteúdo; analisar a fonte, sua origem, o contexto social, quem conceitua historicamente esse conceito, quais as ideologias dominantes, tendo a partir desses questionamentos, elementos para não cair numa aprendizagem sem sentido e empobrecida.

Desta forma, rompendo com essa perpetuação histórica do sistema educacional brasileiro, promovendo um novo sentido para a aprendizagem escolar, com mecanismos para promover a inclusão de todas as culturas, atendendo e contemplando as diversas linguagens desse mosaico cultural riquíssimo que constitui nosso país. Propõe-se que expandam os conteúdos curriculares usuais, de modo a neles incluir a crítica dos diferentes artefatos culturais que circundam e permeiam o universo do aluno.

A questão do trabalho coletivo dos professores e de toda gestão da escola, é essencial para solucionarmos as várias problemáticas do cotidiano escolar. Somente no diálogo, no questionamento, no debate, será possível desenvolver um novo olhar sobre as práticas pedagógicas, conforme tanto apregou nosso grande educador Paulo Freire (1997).

É fundamental que ao longo da formação acadêmica e continuada do educador, sejam considerados como elementos relevantes de estudo e resignificação, as questões relativas à visão ampla da problemática (sociedade multicultural) e reflexão de cada educador sobre sua própria identidade cultural (autoconsciência). Aprofundamentos da temática da formação cultural brasileira consideram que todos esses aspectos acima apontados, são importantes na formação docente, para que melhor se analisem as

questões curriculares e a dinâmica interna da escola.

O principal propósito acrescenta, é que o docente venha a descobrir outra perspectiva, assentada na centralidade da cultura, no reconhecimento da diferença e na construção da igualdade. Esperamos, assim, formar educadores que atuem como agentes sociais e culturais a serviço da construção de sociedades mais democráticas e justas como apontam Moreira e Candau, 2003.

Materiais e Métodos:

O presente estudo se realizou a partir de seis (06) encontros, em uma sala de 35 alunos do 4º ano do Ciclo I da Educação de Jovens e Adultos/EJA, da rede municipal de São José dos Campos, com o propósito de observar, registrar, analisar e conhecer sobre a trajetória desses alunos que reingressaram a escola, por meio da aplicação de dinâmicas e atividades que promovessem o resgate cultural do grupo.

A atividade inicial foi uma dinâmica de interação com os alunos, seguida de uma atividade sobre a origem de seus nomes, cujo objetivo foi resgatar a identidade cultural, bem como nos colocarmos como eles, aprendizes em processo, que tinham as mesmas dificuldades para estarem na escola, que as aulas nem sempre eram interessantes, mas eram importantes para a construção do conhecimento.

No segundo momento apresentamos um teatro de fantoches com o tema “A história do Espelho”, onde narra a história de uma família que por falta de conhecimentos e totalmente analfabetos perde sua própria identidade quando não reconhece sua imagem no espelho. Achando que, o que vê naquele espelho é outra pessoa, não percebe o grande valor que tem.

Diante dessa apresentação do teatro, fizemos a dinâmica do espelho com os alunos.

Após a análise da coleta de dados encontramos elementos que caracterizou e apontou informações sobre esse período tão peculiar dos sujeitos que por motivos diversos estão de volta ao banco escolar.

No terceiro encontro, foi proposto para os alunos por meio de recortes de revistas identificassem algumas figuras que estivessem relacionadas com sua auto-imagem, e relatar o porquê da escolha.

Observamos que eles buscaram o que era de mais importante, como sua família, recordações, sonhos que ainda não conseguiram realizar, a natureza, liberdade, a fé, o crer no amanhã melhor. Diante da atividade realizada, observamos os vários relatos, todos densos e cheios de emoção, e representações sociais de

diversas ordens, no geral todas circulam entre a importância e valor da família.

Segue na íntegra o relato de um dos participantes que ao colar a imagem de uma máquina fotográfica explica o porquê da escolha daquela imagem: *“Essa máquina representa as fotos tiradas dos momentos vividos por mim ao longo de minha vida, vivida, são recordações de toda uma vida”*.

Outro relato marcante foi de uma senhora de 72 anos que ao ver-se no espelho recorda-se do dia do seu nascimento e relata: *“Quando nasci minha mãe a caminho do hospital, não deu tempo de chegar, foi meu pai quem fez o parto e disse ao me ver: “Esta é a coisa mais linda e perfeita que Deus fez”. “As palavras de meu pai determinaram minha vida”*.

Os relatos apontados ao longo dos encontros, nos permitiram perceber claramente que as temáticas apontadas por eles como relevantes foi à questão da família, trabalho, autoconceito, baixo auto estima em função da classe social pertencente, o sentimento de exclusão em função de não serem alfabetizados ou possuírem baixo grau de alfabetização e letramento, não serem contemplados no processo educativo elementos do seu círculo de cultura.

Estes relatos nos sugerem também que a escola deve ser encarada como um espaço importante para os jovens e adultos, considerando no seu trabalho pedagógico elementos que efetivamente caracterizem a cultura na qual estão inseridos e, tragam para a reflexão, os elementos que a constituem, valorizando-a.

Se a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, só poderá desenvolvê-la na medida em que, refletindo sobre suas condições e espaços temporais, introduz-se nelas, de maneira crítica. Quanto mais for levado a refletir sobre sua intencionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais emergirá dela conscientemente carregado de compromisso com sua realidade, da qual, porque é sujeito, não deve ser simples espectador, mas deve intervir cada vez mais.

É desta inclusão, dessa escola que insere, acolhe, amplia a visão de homem, mundo, sociedade é que tem que ser o ideário de cada um de nós educadores, em formação ou em serviço. A educação para muito, principalmente das camadas mais populares é um dos elementos que pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e incluyente.

Resultados e Discussões:

A partir das dinâmicas e das atividades realizadas com os alunos da educação de jovens e adultos do EJA, observamos as diversas culturas, diferenças sociais daqueles alunos presentes. Qual sua perspectiva de vida, o que está buscando para seu futuro ao retornar a escola depois de anos afastados.

Concordamos com Paulo Freire (1996) quando ele relata que é um desafio lidar com esses alunos com experiência de vida, um vasto conhecimento do mundo, mas não encontram trabalho na sociedade escolarizada. Alguns saíram da rua para instituições assistenciais, ou destas para a rua, muitos são jovens trabalhadores, algumas são donas-de-casa e mães de família, e outros, empregadas domésticas ou desempregados crônicos. Como desenvolver um trabalho educacional inteligente e eficaz com um alunado tão heterogêneo, sofrido e, às vezes, desconfiado e desencantado?

Como educador preciso de ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho faz de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte para a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”. (Paulo Freire, 1996).

Concordamos com Paulo Freire, como educadores ao se deparar com esses alunados que vem com sua bagagem de experiências de vida, devemos considerar e trabalhar de forma apreensiva levando em conta todos esses aprendizados que de alguma forma contribuíram para sua formação enquanto cidadão, buscando sempre sua socialização no mundo em que vive. Confiança é uma palavra-chave: conquistar a confiança desses alunos e alunas que não acreditam em escola leva algum tempo. Restaurar a confiança de quem se sente “burro” ou incapaz é demorado. Despertar a vontade de aprender é o primeiro passo. Diante das pesquisas realizadas relatamos que esses alunos ao retornar ao banco escolar, vieram em busca de novas perspectivas e com intuito de aprender a ler ou melhorar seu nível de escolaridade, na expectativa de arranjar um emprego e melhorar de vida.

A educação deve, pois, procurar tornar o indivíduo mais consciente de suas raízes, a fim de dispor de referências que lhe permitam situar-se no mundo, e deve ensinar-lhe o respeito pelas outras culturas. Devemos cultivar como utopia

orientadora, o propósito de encaminhar o mundo para uma maior compreensão mútua mais sentido de responsabilidade e mais solidariedade, na aceitação das nossas diferenças espirituais e culturais.

A educação, permitindo o acesso de todos ao conhecimento, tem um papel bem concreto a desempenhar no cumprimento desta tarefa universal: ajudar a compreender o mundo e o outro, a fim de que cada um se compreenda melhor a si mesmo.

Concordamos com Jacques Delors (2004) quando cita que grandes são os desafios postos à educação num mundo cada vez mais multicultural. Essa versão de Delors está em consonância com o artigo citado que foi usado de base para a pesquisa quando o autor relata as dificuldades dos docentes em lidar com essas diferenças culturais.

De acordo com o PCNs (1997) a atuação do professor em sala de aula devem considerar em conta fatores sociais, culturais e a história educativa de cada aluno, como também características pessoais de déficit sensorial, motor, psíquico, ou de superdotação intelectual.

Deve-se dar especial atenção ao aluno que demonstrar a necessidade de resgatar a auto-estima. Trata-se de garantir condições de aprendizagem a todos os alunos, seja por meio de incrementos na intervenção pedagógica ou de medidas extras que atendam as necessidades individuais.

A escola, ao considerar diversidades, tem como valor máximo o respeito às diferenças – não o elogio à desigualdade. As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educativa: podem e devem, por tanto, ser fator de enriquecimento.

A atenção à diversidade é um princípio comprometido com a equidade, ou seja, com direito de todos os alunos realizarem as aprendizagens fundamentais para seu desenvolvimento e socialização.

Conclusões:

A partir da pesquisa realizada e com as reflexões de vários autores, fica clara a importância de se considerar a temática do multiculturalismo como elemento privilegiado para a uma escola inclusiva, plural e efetivamente dialógica. O tratamento dos conteúdos acadêmicos deve ser encarado como meios para a compreensão dos temas em estudo e, não como fins em si mesmos.

A diversificação e enriquecimento das atividades de ensino e aprendizagem possibilitando aos alunos estabelecer estratégias de acordo com o seu nível de entendimento do assunto e avançar em seus esquemas de compreensão da realidade;

A utilização de processos pedagógicos que oportunizem a interação entre os alunos, promovendo a troca de saberes, a cooperação e a valorização das diferenças;

Podemos afirmar depois dessas leituras e reflexões que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina daí o seu cunho gnosiológico, a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos, envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais, implica em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais.

A educação ao longo de toda vida é uma construção contínua da pessoa humana, do seu saber e das suas aptidões, mas também da sua capacidade de discernir e agir. Deve levá-la a tomar consciência de si própria e do meio que a envolve e a desempenhar o papel social que lhe cabe no mundo do trabalho e na comunidade. E, enquanto educadores devem estar buscando meios, informações e avaliando todo esse processo de escolarização levando em considerações todas as diversidades encontradas no alunado.

E que a escola possa rever todo seu currículo de forma a encontrar eixos favoráveis e satisfatórios contribuindo assim para uma sociedade com menos discriminação cultural e de etnias.

Outro elemento a ser considerado nos processos de formação refere-se à necessidade que os professores devem ter de estarem preparados para compreender as transformações surgidas na sociedade, estando receptivos a concepções pluralistas, capazes de vincular suas atuações as necessidades dos alunos em contextos diversificados.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. Pluralidade Cultural MEC/SEF/UNIVAP. – 2001.

DELORS, Jacques – Educação: Um tesouro a descobrir – 9ª edição – São Paulo: Cortês, 2004.

CARVALHO, Marlene – Alfabetizar e letrar – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo – Pedagogia da Autonomia – 30ª edição – São Paulo: Paz e Terra – 1996.

ROSA, Maria do Carmo Andrade Franco da. Artigo para a Revista Novo Escola - O papel do gestor e do coordenador pedagógico para

tornar a Escola Inclusiva. CAIC, em Três Corações (MG), 2001.

SANTOS, Boaventura Sousa, (2001) – Dilema do nosso tempo: globalização, multiculturalismo, conhecimento. Educação & Realidade, v.26, nº. 1, P.13-32.

PEREZ, Angel Gómez, (1998). A cultura escolar em uma sociedade neoliberal.

www.scielo.com